

# RCTV e a democracia

R. A. 11



**José Sarney,**  
ex-presidente da República,  
senador e integrante da  
Academia Brasileira de Letras

D S T Q Q S S

HÁ MAIS DE 20 ANOS, em pleno regime autoritário, escrevi, nesta mesma coluna, um texto so-

bre democracia, sustentando que o substantivo “democracia”, quando é adjetivado, começa a decompor-se. Naquele tempo existiam as democracias populares e a liberal. A social-democracia estava em moda, como bola do meio, mas Bobbio escreveu que nunca conseguiu saber o que era. Octavio Frias, atento aos colonistas, tempos sem internet, passou-me um telegrama apoiando.

Agora surge uma democracia bolivariana, e volto à minha velha tese de que quando essas coisas começam a surgir é porque a democracia vai mal. No seu estilo bem inglês, Churchill a explicou dizendo que era “o regime no qual se às cinco horas da manhã a campanha de sua casa to-

ca, você tem a certeza de que é o leiteiro”. Dentro dessa quase parábola, o que pensava é que a democracia tem como essência a liberdade sem medo. Sem política política, sem o árbitro, sem

## É pétrea a cláusula democrática que o Mercosul impõe como base da integração sul-americana

ninguém sentir-se obrigado à pior das censuras, que é a autocensura. Nessa linha, Roosevelt incluiu, entre as liberdades, a “liberdade de não ter medo” (*freedom from fear*).

Partido único, ausência de controvérsia, parlamento unânime, Justiça acuada e doméstica não combinam com democracia.

O fechamento na Venezuela da RCTV, a maior emissora de televisão do país, em homenagem à deusa Adrastéia, a deusa da vingança, é inconcebível. A democracia não é uma palavra, é um estado de espírito, consciência de que se pode não estar certo, tem de aceitar o diálogo, a controvérsia, formar maiorias pelo voto livre e leis por parlamentos livres, eleitos pelo povo, protegidos pela força do direito abrigado na Constituição. Mas não instituições simplesmente formais, numa democracia virtual. Quando não existe o “espírito democrático”, desaparece a li-

berdade de não ter medo. A imprensa – a mídia – na Venezuela é hoje, com razão, amedrontada.

Devemos recordar que a liberdade de imprensa nasceu na concepção de Jefferson de que, se o parlamento tinha a proteção da inviolabilidade de palavra e voto, o povo devia ter a liberdade de opinião, de questionar o próprio governo, através de uma imprensa livre. Hoje, essa liberdade é representada pelo conjunto da mídia.

Nosso protesto contra a tentação totalitária, da qual atos como este constituem uma visão de começo. A cláusula democrática que Alfonsín e eu colocamos como base da integração sul-americana é pétrea. Fora dela, não há salvação.